

CEDI - P. I. B.

DATA 31, 12, 86

00 3100043

RODOLFO LUNKENBEIN

UMA VIDA EM DEFESA DOS ÍNDIOS

12 HANS-GÜNTER RÖHRIG
COLEÇÃO HERÓIS

2.ª edição

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

SÃO PAULO — 1982

Rodolfo Lunkenbein, de Hans-Günter Röhrig,
tradução e adaptação de José Winkler, do original alemão
“*Lasst Uns Leben*” (St. Otto — Verlag GmbH — Bamberg).
Em anexo: “*A Missão Salesiana de Mato Grosso*”, con-
densação de um esboço histórico do P. César Albisetti.

Editora Salesiana Dom Bosco
Rua da Mooca, 766 — C. P. 30.439
01000 — São Paulo, SP
Fone: (011) 279-1211 (PABX)

O jovem missionário

“Dentro de um ou dois meses será efetuada a medição da reserva indígena e, então, toda a população branca será judicialmente solicitada a deixar a região. Poderá acontecer que nestes dias haja tiroteio. Alguns já ameaçaram. Portanto será um ano muito agitado para nós, mas estamos sempre nas mãos de Deus e fazendo de tudo para evitar injustiças.”

O P. Rodolfo Lunkenbein, salesiano de Dom Bosco, diretor da Colônia Indígena de Meruri no leste do Estado de Mato Grosso, escreveu estas palavras no dia 18 de maio de 1976 aos seus pais em Dörisgstadt, uma cidadezinha na Francônia Superior (R.F.A.). Dois meses depois o missionário de 37 anos de idade estava morto. Atingido pelas balas de fazendeiros brancos, cheios de ódio, expirou ensangüentado, no dia 15 de julho, no pátio da Colônia Indígena.

“A humanidade aspira por um mundo em que o amor supere o ódio; a liberdade, a escravidão; a paz, a guerra; a justiça, a injustiça; e a fraternidade, todo tipo de opressão. Na morte e ressurreição Ele reconciliou a humanidade com Deus e alicerçou definitivamente a esperança por um mundo novo. A Missão anuncia este novo mundo com a mensagem do Reino de Deus.”

Não se sabe se o missionário salesiano da Baviera, Rodolfo Lunkenbein, leu alguma vez esta frase; ela se encontra nas conclusões do Sínodo de Würzburg, “Serviço Missionário no mundo”.

Liberdade, Paz, Justiça e Fraternidade — o que poderia descrever melhor aquilo por que o jovem missionário se empenhou e havia de morrer?

Quando Rodolfo Lunkenbein, no dia 15 de julho de 1976, no empoeirado pátio da Colônia de Meruri, deu seu sangue, o fez porque queria proteger os índios contra as injustiças que lhes estavam sendo feitas; para que pudessem continuar a viver em paz e liberdade. E fazia isto num profundo, cordial e amável espírito de fraternidade. O novo mundo ele não o conseguiu para os índios bororo, conseguiu apenas anunciá-lo. Este continua sendo uma esperança! Vale a pena morrer por causa disso?

A luta pela vida...

“O padre Rodolfo Lunkenbein confirmou com a sua morte aquilo por que lutava como padre; pois queria para os bororo uma pátria segura”, — assim se expressou o Cônsul Geral da República

Federal Alemã no Brasil, Dr. Horst Kullak-Ublick, numa carta aos pais do missionário assassinado. O senhor Kullak-Ublick sabia o que escrevia: conhecia pessoalmente o P. Rodolfo e a situação em Meruri.

Os bororo, cada vez mais apertados na sua terra em Mato Grosso e já saturados pela contínua luta com os fazendeiros, desanimaram em meados da década de 60. Já não queriam conservar suas choupanas, não faziam mais uso da sua língua. Afinal, resignaram-se à morte. A tribo queria morrer. Durante seis anos não nasceram mais filhos. Só muito lentamente se refaziam.

Surge, então, proveniente da longínqua Baviera, um homem branco, trazendo na bagagem uma reserva inesgotável de paciência, força de convicção e caridade: Rodolfo Lunkenbein — “um jovem missionário, um homem do progresso, que em lugar de arco e flecha, sangue e revolução, confia no progresso técnico e na capacidade de aprender dos homens, na mudança das situações sem o uso da força” (Gerd Hamburger em “Cristãos perseguidos”).

Rodolfo Lunkenbein conseguia mudar as situações sem o uso da força e com muita delicadeza. É o que diz, como vimos, o Cônsul Geral da Alemanha na sua carta de condolências aos pais do missionário: “O sucesso do seu trabalho aparece talvez mais claramente pelo fato de que esta aldeia indígena que havia perdido a sua força vital agora encontra-se novamente com 70 crianças”.

O missionário ficara contente com o resultado. No dia 11-10-1973 anotava: “Na noite passada nasceu mais um menino índio. Pesa 4.300 gramas”.

E mais adiante: “Há 15 dias batizei 4 crianças índias, solenemente, pois tudo fizemos conforme o rito da Igreja e ao mesmo tempo segundo o rito dos nossos índios, acompanhado de danças indígenas”.

A respeito da sua atividade missionária Rodolfo faz suas próprias considerações. O que esperava desta atividade, ele assim formulou: “Em primeiro lugar é necessário ajudar estes homens a reencontrar o caminho para a vida, levá-los à reflexão, fazê-los ver o que trazem dentro de si, energias latentes, senso de responsabilidade de que abdicaram, tradições descuradas. Interessei-me por eles, defendi os seus direitos. Eles travam aqui uma luta constante pelos seus direitos à terra contra os brancos, terras que haviam sido dadas aos bororo”.

Um dia vieram os brancos “do outro lado da grande água”. Caíram como formigas: destruíram as florestas, dispersaram a caça, tiraram os peixes dos rios, trouxeram terríveis doenças e dos índios fizeram escravos. Porém os índios lutaram e revoltaram-se.

Então os brancos, num piscar de olhos, quiseram resolver o problema: mataram os homens e violaram as mulheres. Alguns grupos escaparam da matança e fugiram para longe. Outros escondem-se, vaguearam para cima, para baixo, desprezados, considerados gente inútil, que não servia para o trabalho nas plantações e por isso incapaz de possuir terras.

Assim contam ainda hoje os bororo, quando sentados para conversar. A melancolia permeia

suas vozes. Não sabem se vão sobreviver. Sabem apenas que várias tribos foram extintas.

As origens da tragédia

Quando, no século XVIII os Bandeirantes, vindos de São Paulo como conquistadores, penetraram no interior do país para conseguir pedras preciosas, ouro e índios, os bororo dominavam grande parte no centro-oeste do Brasil. A sua região estendia-se desde a fronteira da Bolívia até o Triângulo Mineiro (a aproximadamente 600 km ao noroeste do Rio de Janeiro). Lá, onde se encontraram as mais importantes aldeias dos bororo, Ikuiapá e Kujibó, os Bandeirantes fundaram a cidade de Cuiabá e Coxipó. Os poucos bororo que escaparam à matança refugiaram-se nas montanhas de Poxoréu ou estabeleceram-se às margens dos Rios São Lourenço, Garça e Araguaia. Mas, mesmo nestas regiões inóspitas, aos poucos os brancos penetraram. Na primeira metade deste século formaram-se as primeiras aglomerações de garimpeiros, naturalmente nas proximidades das aldeias dos índios. Aumentaram sempre mais, ávidos de diamantes. As provocações se repetiam e as aldeias dos índios decaíam cada vez mais, até que desapareceram totalmente do mapa. Assim, de repente, não existiam mais as aldeias indígenas de Rondonópolis e Poxoréu.

O que havia ocorrido? Será que os índios se mesclaram com os brancos? Acaso dissolveram-se na população branca? De forma nenhuma. Os índios foram extintos. Os brancos, naturalmente, não usaram da força bruta, não atacaram os

índios. As armas que estes brancos gananciosos usaram eram muito mais eficientes: o álcool, os anticoncepcionais e às vezes até o jarubo, um veneno. Os bororo foram dizimados.

A superioridade física unida à falta de escrúpulos levava os habitantes primitivos à resignação. Também Meruri não escapou desta situação. E parecia que também esta tribo estivesse condenada a desaparecer da superfície da terra.

A vez de Meruri

Desde o início do século, em 1901, os missionários salesianos estão nesta região. E desde aquele tempo começou em Meruri a luta dos missionários contra as influências nefastas do chamado “mundo civilizado”. Começava a luta pela sobrevivência dos índios: os missionários tentavam convencer a população branca de que é necessário respeitar também os direitos, as tradições dos índios e a sua maneira de viver, e a população branca...

Como não cessaram os atritos entre fazendeiros de um lado e índios e missionários do outro, é reexaminada a questão da reserva indígena por ordem de João Ponce de Arruda, presidente do Estado de Mato Grosso. Mas nem isso põe fim às dificuldades. Pelo contrário, a situação piora, quando, em 1973 e 1974, colonos brancos abrem fazendas, pouco se importando com os direitos dos índios, mas simplesmente tomando-lhes as terras. Em público aparecem com belíssimos discursos, onde se pronunciam decididamente contra o confinamento dos índios.

Até então os fazendeiros tinham tentado tirar os índios de suas terras com promessas. Como isso não “pegasse”, começam a ameaçá-los com represálias, aticando outros colonos contra os índios e os missionários. Grandes e pequenos fazendeiros se unem, apoiados por alguns políticos, para impedir uma nova medição da reserva indígena.

Em 1975 vem um grupo de trabalho a Meruri. Compõe-se de representantes da FUNAI, órgão do governo para os índios, e do INCRA, comissão para a regulamentação de posse da terra. Entram em contato com as famílias que sofriam prejuízos por causa das novas medições. Para compensá-las são-lhes oferecidas terras em outras partes do Brasil. Mas em geral os representantes da comissão estatal são mal recebidos. Pois ninguém lhes dá fé. Os atritos entre índios e brancos vão num crescendo. E as provocações tornam-se sempre mais drásticas e violentas.

O P. Rodolfo escreve no dia 11-8-1975 aos seus pais: “Minha saúde vai muito bem. Porém está piorando o nosso relacionamento com os vizinhos. Eles tudo tentam para tirar dos índios os últimos pedaços de sua propriedade. Porém os nossos bororo não se conformam com isso. Já mataram mais de 10 vacas dos fazendeiros e comeram a carne. Também puseram fogo em algumas casas. Um fazendeiro plantou arroz na propriedade dos índios; quando estava maduro os índios foram colhê-lo. É natural que com isto os fazendeiros fiquem furiosos e avisem a polícia. Mas até agora a polícia tinha que dar razão aos índios em todos os casos. É uma pena quando as autoridades dão

razão aos índios e ao mesmo tempo não fazem nada para punir os fazendeiros. A continuar assim, em breve teremos guerra por aqui”.

Em outra ocasião conta o P. Rodolfo que um fazendeiro ameaçara os índios com uma metralhadora, se eles continuassem a trabalhar numa plantação de arroz iniciada. E o P. Rodolfo: “Toda vez que os índios vão a essa região, eu os acompanho”.

Em maio de 1976 a situação tornou-se tão grave que os brancos que, sem mais, abriram boliches na BR-70, por ordem das autoridades tiveram que deixar a propriedade. Mais uma vez aumentaram as hostilidades. Corria que somente os missionários estariam interessados na medição para que se pudessem tornar depois os verdadeiros donos. Donde o clima de ódio contra os missionários. Este ódio se dirige principalmente contra o P. Rodolfo que, como Diretor da Missão, sofre junto com os bororo e por isso não recusa sacrifícios para conseguir a medição das terras: é ele que defende, sem medo, os direitos seculares dos primitivos habitantes contra a ganância e brutalidade dos brancos.

O ódio irreconciliável dos colonos brancos atingiu mortalmente o P. Rodolfo. Meruri — como será provado — não foi para o P. Rodolfo uma missão como qualquer outra. Meruri foi para o missionário salesiano, P. Rodolfo Lunkenbein, vida e destino.

Quero ser missionário

O menino Rodolfo Lunkenbein não se diferenciava em nada dos seus colegas da mesma idade. Todos eles sonham com aventuras em países distantes. Com suas almas juvenis querem atravessar oceanos, lutar com índios, vencê-los e deitar-se junto às fogueiras noturnas, atentos aos ruídos provindos da quebra de galhos, quando o inimigo tenta aproximar-se sem ser percebido. Certamente também Rodolfo pensou neste mundo de aventuras. Mas de repente brota nele um ideal maior: Tornar-se missionário. Na 4.^a série do primeiro grau ele lê um dia alguns números do “Boletim Salesiano”. Aprecia o que está escrito sobre os missionários em muitos países do mundo. O vigário, solicitado, entrega-lhe uma biografia de Dom Bosco. Desde então Rodolfo está resolvido a tornar-se salesiano, tanto se entusiasmou por Dom Bosco, ardoroso apóstolo dos jovens.

Somente por meio de grandes sacrifícios financeiros, conseguiram os pais possibilitar os primeiros passos para a consecução desta meta. A mãe pergunta pelo custo no Colégio Salesiano “Canisiusheim”, em Bamberg, mas a anuidade é tão alta que a família está sem condições. Rodolfo tem que ficar em casa. Acabou-se o sonho! Nos próximos meses a mãe constata que o travesseiro do menino está molhado de lágrimas. Interrogado, o menino confessa que chorava durante a noite por não poder estudar e tornar-se padre.

Dois anos depois a mãe mais uma vez conversa com o vigário. O vigário escreve para o internato salesiano de Buxheim e recebe de lá uma

resposta afirmativa. Rodolfo está feliz. Arruma a mala. A despedida dos pais e irmãos não constitui maior problema. Um sonho finalmente se realizava: podia estudar para tornar-se padre. É o ano de 1953 e Rodolfo está com 14 anos de idade.

Rapidamente acostuma-se à vida do internato. Já naquele tempo se percebia o que um dia devia distingui-lo: o seu temperamento feliz. Rodolfo está sempre bem disposto e alegre. Toma a sério o estudo porque sabe do que se trata.

O aspirante

O jovem Rodolfo não encara as práticas de piedade como um dever, como algo rotineiro, para quem quer tornar-se sacerdote. Para ele isto faz parte da vida como o pão de cada dia. Mas não se quer dizer com isto que Rodolfo seja um carola. Participa de qualquer brincadeira e é “fanático” pelo futebol, sem excluir outras modalidades de esporte.

Sobressai entre os colegas não só pelo excepcional tamanho, mas também por sua simplicidade e espontaneidade. Não é de admirar que tenha muitos amigos. Os colegas chamam-no simplesmente de “Lunke”. E Lunke ajuda com suas fortes mãos onde quer que haja necessidade. Com frequência os superiores do internato concedem-lhe descontos nas mensalidades por causa de tantos trabalhos em favor da Casa.

Rodolfo gosta da sua coleção de selos, à qual dedica as horas livres. Tem mais um passatempo. Coleciona tudo o que se refere à exploração espa-

cial. Ainda anos depois os pais têm que cortar todos os artigos dos jornais que tratam do assunto e mandar para ele. Tendo este gosto pela técnica, durante vários anos Rodolfo junta dinheiro a fim de poder comprar uma máquina fotográfica, tentando ganhar um pouco de dinheiro por meio de trabalhos avulsos. Assim, escreve um artigo para um jornal de Bamberg e espera uns bons honorários. E como se sente feliz quando finalmente tem em mãos a máquina. Nos próximos anos tirará muitas fotografias.

Porém a sua grande meta são as missões. Lê tudo o que lhe cai nas mãos a respeito do assunto. Durante as férias, após a 4.^a série ginásial, ao limpar o terno do seu filho a mãe descobre um pedaço de papel com as palavras: “Quero ser missionário”. O Diretor do internato pedira aos alunos que escrevessem com toda liberdade numa folha de papel o que pretendiam na vida, disfarçando um pouco a letra. Quando Rodolfo escreveu pela primeira vez cometeu um erro. Então escreveu mais uma vez. O primeiro escrito ele o pôs no bolso e o esqueceu, até que a mãe o descobriu.

Tornar-se Missionário — esta idéia não o abandonou mais. É ela o centro de suas preocupações. A Providência encarrega-se do resto. Ele não tem ainda 20 anos de idade quando desembarca pela primeira vez no Brasil. Como manifesta constantemente a sua vontade decidida de tornar-se missionário salesiano, os Superiores da Congregação propõem-lhe fazer o noviciado no Brasil. Quem se interessou de modo particular por Rodolfo Lunkenbein foi o Inspetor P. João Greiner. Na festa de Dom Bosco, em 1958, que o Inspetor celebra

com os padres em Buxheim, o P. Greiner manda chamar Rodolfo e revela-lhe que ainda este ano, quando terminar o seu tempo de Inspetor, voltará ao Brasil, onde já trabalhara durante 22 anos. O P. Greiner convida-o a acompanhá-lo.

Numa longa carta “Lunke” explica aos pais a situação: “Vocês sabem muito bem — escreve — que há anos é meu desejo ir para as missões e ninguém me vai impedir. Se me proibirem que vá este ano, então ficarei na Alemanha até completar 21 anos de idade e depois irei; pois minha vocação é ser missionário — sou chamado para as missões — e seguirei este chamado de Deus, mesmo que me custe muitos sacrifícios”. O filho sabe que sacrifícios os pais terão de fazer por causa de sua decisão, mas também acha que se for por amor de Deus, será fácil superá-los. Lembra-se das palavras de Cristo: “Ide por todo o mundo e ensinai a todos os povos, batizando-os...”. “Isto valeu — assim escreve ele — não somente no tempo de Cristo, mas também agora, e é tão urgente como nunca. Peço-lhes, deixem-me partir.”

O primeiro adeus à família

Os pais não estão entusiasmados. Mas enfim concordam. No dia 30 de outubro o jovem estudante, juntamente com 4 clérigos e dois irmãos leigos, sobe ao navio em Gênova, deixando a Europa. No dia 6 de novembro atravessam o Equador. Participam do obrigatório batismo equatorial que se realiza sob os sons da marcha “River-Kwai”. Rodolfo lamenta porque não foi

escolhido como “vítima”: “Eu estava com tanta vontade de participar”.

Rodolfo Lunkenbein e seus companheiros chegam dia 18 de novembro ao Brasil: Rio de Janeiro. São recebidos pelo P. Inspetor, que acolhe os recém-chegados com uma palavra importante na vida brasileira, que é PACIÊNCIA. Os brasileiros dispõem de muito tempo. De fato, Lunkenbein, como missionário, terá que adquirir muita paciência.

Após longa viagem de trem, cheia de peripécias, Lunkenbein chega à Casa Salesiana de Campo Grande. Uma pequena pausa, e um caminhão leva o estudante à Chácara São Vicente, a 9 km de Campo Grande, onde se encontra o “Instituto Pedagógico”.

Rodolfo Lunkenbein fará o seu Noviciado perto de São Paulo, em Pindamonhangaba. No dia 31 de janeiro de 1960 faz a sua primeira Profissão religiosa. Depois volta para a Chácara São Vicente, onde se dedica, de 1960 a 1962, ao estudo de Filosofia.

Depois vai ao lugar onde encontrará o sentido para a sua vida, mas onde encontrará também a sua morte: MERURI. No dia 3 de fevereiro escreve aos pais: “Aliás posso ir para Meruri, a nossa Missão junto aos índios bororo. Todos os meus colegas estão com inveja de mim por causa disso, e eu estou muito satisfeito por poder ir para lá. No dia 31 de janeiro, quando renovei os meus votos, o primeiro bororo foi aceito como irmão leigo no Noviciado. Ele é o primeiro bororo que entra na vida religiosa”.

O tirocínio que Rodolfo passou em Meruri proporcionou-lhe muitas alegrias e satisfação no trabalho da missão — ele tem que tomar conta dos meninos e ensinar-lhes o curso primário — como se lê nas cartas aos parentes na longínqua terra natal.

No dia 10 de julho Rodolfo faz a sua Profissão Perpétua e volta para a Alemanha a fim de completar os seus estudos.

No dia 29 de junho de 1969 ele é ordenado padre em Benediktbeuern (Alemanha). A primeira missa “Lunke” a celebra na sua cidade natal — Döoringstadt. Mas seu desejo ardente é voltar quanto antes para o Brasil. “É especialmente a pobreza religiosa e material que me atrai.”

E mais uma vez o P. Rodolfo atravessa o Atlântico e chega bem disposto a Meruri. Um dos seus grandes sonhos, dos sonhos da sua juventude, realizou-se: tornou-se missionário.

Um episódio significativo

Agora um episódio da infância do P. Rodolfo. O quadro é bonito, pois todas as crianças nesta idade são assim. O pequeno Rodolfo, com apenas dois anos de idade, está ajoelhado na terra poeirenta do pequeno pátio da fazendinha, remexe com as mãos as batatas que foram jogadas para as galinhas, enfia uma mão cheia de batatas na boca e começa a mastigar. Perguntam-lhe por que fazia aquilo. Pois não devia fazer. O toquinho de gente, com toda simplicidade, responde que as galinhas podiam debicar no seu lanche, por que ele não devia experimentar as batatas delas?

Por que Rodolfo devia ser diferente das outras crianças da sua idade? Sem preconceitos, dava do que tinha àqueles de quem gostava e da mesma forma recebia.

Muitos anos depois ele novamente devia estar ajoelhado na terra poeirenta, bem no meio do pátio da Colônia Indígena de Meruri. Sem preconceitos deu, com aquele amor do qual só é capaz o homem, a vida por aqueles que estavam sendo perseguidos. Com simplicidade deve ter recebido aquele que se dirigia a estes com irreconciliável e amargo ódio! Ajoelhado apenas por uma fração de minuto, até que cai na areia e a poeira se levanta.

São apenas instantâneos quadros sem molduras douradas. Neles estão o dia-a-dia, o humano, a morte. E apesar disso ultrapassam de muito o outro: um dia o círculo fecha-se na vida de cada um. É muito bom, e até uma grande graça, tornar a voltar-nos para aquilo que estava encoberto em nós desde crianças: o grande amor. A quantos homens isto não escapa das mãos de modo irredutível.

Rodolfo Lunkenbein conservou esta infância, foi fiel a si mesmo até a morte e àquele a quem amava: Deus.

O cacique branco

Desde 1974 o P. Rodolfo dirigia a Colônia Indígena de Meruri. Não foi difícil para ele ganhar a confiança dos índios. Era aceito e respeitado por eles. Mais: o homem que um dia os colegas

simplesmente chamaram de “Lunke” foi aceito na tribo bororo. Tornou-se irmão dos índios.

Os índios gostavam do seu irmão Rodolfo. Quando em 1974 o P. Rodolfo foi por algum tempo para a sua terra natal, ao voltar foi recebido pelos índios com manifestações de saudade. Muitos deles foram até o campo de aviação. É o P. Rodolfo que escreve: “Os índios vibraram de entusiasmo, abraçaram-me e quando chegamos à sede da Colônia, os mesmos índios e alguns escolares cantaram para mim. Na missa vespertina, logo de início aproximou-se um índio e cantou a saudação, como eles normalmente só fazem quando saúdam um cacique. Em seguida retirou a minha estola e colocou-me nos ombros outra, feita pelos índios, especialmente para mim, de penas de arara. Fiquei extremamente sensibilizado”.

O cacique branco põe a sua vida totalmente à disposição dos índios. Para que possam sobreviver, intransigência os métodos modernos na lavoura e criação de gado.

Mas o P. Rodolfo, inspirado pelo Evangelho, interessou-se muito pela cultura indígena. Tentou fazê-la ressurgir para que os próprios índios criassem a consciência de sua identidade. Incentivava — como conta o P. Ochoa — os bororo à manufatura de enfeites, mesmo sabendo que o comércio dos mesmos criava muitos problemas. Quantas vezes o P. Rodolfo viajou para Brasília a fim de vender para a FUNAI os objetos fabricados pelos índios. Em 1972 ele escreve aos seus pais: “Há mais de um ano a FUNAI garantiu que compraria à vista. Mas sempre tivemos dificuldade para receber pelos enfeites. Uma vez pagaram de-

pois de meio ano. Há 15 dias fecharam um negócio com um comerciante japonês para artigos de presentes, que anualmente compraria enfeites de índios no valor de até Cr\$ 45.000,00. Se isto der certo, teremos uma boa fonte de entradas para a Colônia”.

E ajudava, sem descanso, onde podia. “Ontem voltei de novo de uma pequena viagem. Em dois dias visitei outras duas pequenas aldeias dos nossos bororo”, assim escrevia ele em fevereiro de 1976 para a sua cidade natal de Döringstadt, onde continuamente pedia ajuda financeira e que generosamente colaborava. “Lá tirei fotos dos índios para conseguir a aposentadoria para aqueles de mais de 65 anos de idade. Existe aqui esta possibilidade. Eles receberão então perto de 100.00 marcos por mês. Os índios ficaram sumamente contentes quando lhes expliquei isto.”

Naturalmente o P. Rodolfo conhecia as fraquezas deste povo. Por meio de sua caridade, paciência e otimismo, bem fundamentado na fé, anunciava a Boa Nova libertadora de Cristo, explicando-lhes que Deus se fez homem, morreu e ressuscitou também para eles e por isso Cristo também é irmão dos índios.

Em 1972 P. Rodolfo é eleito para a diretoria do CIMI, órgão oficial da CNBB que trata da Pastoral e cultura indígena. Era muito estimado, organizava encontros e cursos. Assim deu-se aos 26 de agosto de 1974 um encontro de missionários, o primeiro no Brasil, da Pastoral indígena. Em setembro de 1975 deu-se o encontro dos chefes dos índios.

O P. Rodolfo deve deixar, mais do que gostaria, a Colônia de Meruri para participar em cursos e encontros. Às vezes tem que ir a Brasília para vender enfeites ou apresentar projetos no Ministério da Agricultura. Numa ocasião percorreu em poucas semanas 20 mil km, na maioria em estrada de terra. Muitas vezes o P. Rodolfo conta a seus pais e parentes, nas suas numerosas cartas, as viagens perigosas e cheias de aventuras. Assume tudo, preocupa-se pela grei a ele confiada, não mede esforços. E com tudo isso passa muito bem, como escreve para casa, “mesmo que haja sempre muito a fazer”. Na sua última carta (18-5-1976) conta que naquele mês já tinha percorrido mais de 8 mil km em carro e ônibus. Observa que estaria na hora de descansar um pouco, mas confessa que não será possível naquele ano e no ano seguinte. Mas a próxima Copa (Futebol) gostaria de assistir na televisão em sua casa em Döoringstadt. Foi um desejo que na realidade não se cumpriu.

Os direitos humanos são indivisíveis

Os índios têm a sua própria maneira de viver. É claro que sob o ponto de vista do mundo técnico altamente desenvolvido eles são inferiores. Mas conseguiram conservar valores humanos que nós perdemos há muito tempo, valores como a sua profunda religiosidade, a harmonia com a natureza, o comportamento social dentro do grupo, suas habilidades artísticas, sua língua como expressão de sua inteligência, pela qual não só dão nomes às coisas e objetos mais insignificantes, mas também ao seu mundo interior e às coisas do Além. Vale a pena conservar as culturas indí-

genas. A integração brutal dos índios na sociedade moderna leva à desintegração das culturas indígenas, para não dizer à sua total destruição. Devem ser procuradas possibilidades de permuta, de diálogo: o branco deveria aprender dos índios e vice-versa. Por isso é necessário integrar as sociedades indígenas na comunidade nacional sem que se destruam estas culturas. Ao mesmo tempo devem ser protegidas as suas terras e garantidos aos índios os mesmos direitos dos outros cidadãos brasileiros. É exatamente isso que prevê o Estatuto do índio. Mas entre a lei e a realidade brasileira abre-se um grande abismo. O P. Rodolfo empenhou-se para que esta legislação não ficasse letra morta. Se falhou, não foi culpa dele. Mas o que ele fez, a entrega incondicional de sua vida pelos direitos mais fundamentais do homem, é algo que nos atinge a todos, que nos deve inquietar e não nos dar mais sossego.

O P. Rodolfo, numa carta a seus pais datada de 11 de agosto de 1975, escreve: "Aqui em Meruri temos, de um ano para cá, cada vez maiores dificuldades. Querem a todo custo expulsar os índios da sua região. Entretanto os índios sabem muito bem que a região é deles e, além do mais, isto consta por escrito". E na mesma carta: "Alguns vieram de outras aldeias indígenas para cá, visto que não lhes ficou um palmo de terra sequer. É admirável com que esperteza se consegue tirar a terra dos índios, apesar de antigamente terem sido estes mesmos índios os únicos donos".

Em novembro de 1974 escreveu: "Juntamente com os índios, solicitamos ao Governo o aumento da Reserva. Alguns fazendeiros que são atingidos

defendem-se com todos os meios contra isto. Acusam-nos de fomentar movimentos de agitação. Porém, tudo isso não nos pode impedir de lutar pelo direito. Esses fazendeiros no correr dos anos estabeleceram-se nesta região e afirmam agora que a terra pertencem a eles. Tudo isso preocupa-nos muito”.

Em 1973 o P. Rodolfo pertence à comissão criada pelo presidente da FUNAI para serem examinadas as reivindicações dos bororo de Meruri. A comissão elabora um mapa topográfico da região, a qual deverá ser demarcada como reserva indígena.

O mesmo P. Rodolfo escreve aos seus pais: “Atualmente os nossos índios possuem cerca de 36 mil ha; se a reserva for aprovada, como solicitamos, serão perto de 70 mil ha., de modo que o futuro dos nossos índios estará assegurado”.

Sem terras evidentemente os índios estavam condenados a morrer. As terras disponíveis eram insuficientes para que pudessem viver só de caça. Por isso o P. Rodolfo incentivou mais e mais a lavoura e a criação de gado. Em vez de ficarem sentados em frente das casas, sem nada fazer, os bororo começaram a derrubar o mato e abriram roças. Assim, só assim, eles tinham chances de sobreviver, preservar grandes partes de sua cultura tribal e encontrar com certa segurança um lugar na civilização moderna.

O P. Rodolfo redige requerimento após requerimento às autoridades. Fala com o Presidente da FUNAI, visita o Ministro do Interior e o da Fazenda, descrevendo-lhes a situação que se está fazendo cada dia mais crítica e dramática. Não

teme os poderosos. E conseguiu. A nova medição da reserva indígena é um fato consumado.

Nos ávidos colonos brancos arde o ódio irreconciliável, acabando com qualquer medida de bom senso. O P. Rodolfo tenta sempre conciliar os ânimos, trata os colonos com respeito e ânimo pacificador, mas é inflexível nos seus princípios. Tinha a certeza absoluta de que se encontrava no lado da justiça e não podia desviar-se dela nem sequer um passo, ainda que soubesse da situação perigosa em que se encontrava, mas que exigia dele o risco evidente. Como se estivesse pressentindo algo, deixou escrito numa de suas cartas esta afirmação: "Também hoje o missionário deve estar disposto a sacrificar a sua vida".

O alto, forte e robusto missionário, P. Rodolfo Lunkenbein, de fato, estará disposto a isto.

No dia 14 de julho de 1976 ele celebra na modesta capela de Meruri, junto com os índios, a Santa Missa em ação de graças pelo início da medição da reserva indígena. Dirige-se, na sua breve alocução, aos índios e pede-lhes que olhem com confiança para o futuro. O futuro?

Um sonho realiza-se

É o dia 15 de julho de 1976. Um dia quente. Os fazendeiros e colonos juntam-se. Os ânimos estão exaltados. Os medidores de terras estão aqui. Os brancos não se conformam. Não cedemos nossas terras! Vamos acabar com isso. Vamos para Meruri!

O momento é bastante propício para um ataque. A maioria dos bororo, há uma semana, en-

contram-se na grande caçada anual. Os outros trabalham nas roças, numa boa distância da sede da missão.

A turma exaltada cai em primeiro lugar sobre dois homens da medição e seus quatro ajudantes índios. Estes são obrigados a subir numa camioneta. A viagem continua em direção à sede da Colônia. No caminho a turma anima-se mutuamente com fortes goles de cachaça.

Na sede da missão encontra-se apenas o P. Ochoa. O P. Rodolfo está esta manhã na roça. Os excitados colonos tratam o franzino P. Ochoa com empurrões e toda espécie de provocações. Estão para tirar-lhe a roupa do corpo, quando surge o P. Rodolfo, sujo e suado, no jipe da roça. Logo é cercado pela turma. Eles o acusam por causa da medição das terras; os missionários e índios são ladrões e ladrões de terras! Gritam. Com calma o P. Rodolfo tenta acalmar a turma revoltada. Lembra que as terras são medidas por ordem da FUNAI. Qualquer um poderia queixar-se junto dela. O padre, na sua simplicidade, oferece-se para encaminhar à FUNAI o protesto oficial dos prejudicados.

A turma furiosa penetra no escritório do diretor, onde o P. Rodolfo anota os nomes daqueles que querem protestar. A lista, com uns 30 nomes, fica sobre a mesa. São os últimos traços do P. Rodolfo. Ele mesmo anotou os nomes dos seus assassinos.

A tensão parece diminuir. Todos voltam para o pátio. Neste meio tempo aparecem também alguns bororo. O P. Rodolfo aperta a mão dos colonos com o seu costumeiro sorriso.

Os homens da medição das terras retiram os seus instrumentos requisitados e seus ajudantes bororo as espingardas que tiveram que deixar na camioneta. Neste instante escapa ao padre uma exclamação de surpresa que os colonos consideram como provocação. O chefe do grupo, João Marques de Oliveira, chamado João Mineiro, bate no padre, ao mesmo tempo que saca de uma pistola. Os bororo que estão perto caem-lhe em cima, segurando-o no pulso e evitam o disparo. Porém neste exato momento o colono Manoel Borges da Silva, chamado o "Preto", dá três tiros com o seu revólver. O padre leva a mão no coração, cambaleia e cai por terra. Mais tiros são ouvidos e o P. Rodolfo não se mexe mais.

Enquanto isso, passa-se uma grande confusão no pátio da missão. São mortos o bororo Simão e o civilizado Aloísio Bispo. Mais quatro pessoas são feridas, mas não mortalmente.

Agora os colonos e fazendeiros perdem a segurança e fogem tão apressados que deixam o seu próprio morto para trás. A enfermeira, irmã Margarida, da varanda observara os acontecimentos. Vê cair a figura que sobressai no meio de todos, o P. Rodolfo. Apressa-se em socorrê-lo. Porém é tarde demais. "P. Rodolfo", pode ela ainda insuflar-lhe "o Senhor vai para a Casa do Pai". Um sorriso passa pelos lábios do missionário que logo depois exala o último suspiro.

O centro da Colônia de Meruri é certamente a modesta Capela. Aqui o P. Rodolfo celebrava todas as manhãs, cedinho, a Santa Missa. Aqui, e somente daqui, animado por uma profunda religiosidade, pode-se compreender o que ele fez, o

que ele tinha que fazer por causa dos homens. Aqui, na mesa do Sacrifício, ele hauria a força, sabendo que muitos homens acompanhavam-no, rezando por ele. Homens como ele, que “claramente descobriram o que significa ser cristão: com Cristo sacrificar-se, com Cristo sofrer, com Cristo morrer e com Cristo obter a vitória para a salvação do mundo, para o nosso próximo”.

O próximo para o P. Rodolfo era o índio. Mas também o colono branco era o próximo para ele, ao encontro do qual também ia, até o ponto justificável. A sua mãe, uma mulher firmemente ancorada na fé, que deu abundantemente ao filho a sua energia, a sua delicada sensibilidade e forte otimismo, certamente falou por ele, quando disse a respeito dos assassinos: “Há tempo já lhes perdoei”.

Durante a última visita à terra natal, em 1975, a sua mãe advertiu-o que tivesse cuidado, pois está-se falando tanta coisa ruim. Ele achou: “Mãe, como você se preocupa! Se eles me cortarem um dedo, eu lhes oferecerei os dois braços. Não há nada mais bonito do que morrer pela causa de Deus. Este seria meu sonho!” Cumpriu-se.

Canções fúnebres para um Cacique branco

Os índios bororo choram o seu amado missionário P. Rodolfo Lunkenbein e Simão, irmão de tribo, durante 30 dias.

Postos nos ataúdes, os dois estão na Capela: o padre e o índio. Iniciam-se as canções fúnebres, verdadeiras lamentações, cantadas pelos índios

desde tempos imemoriais. Os bororo, os missionários e as irmãs despedem-se, choram juntos, rezam juntos. O prelado, Dom Camilo Faresin, beija a testa do padre também em nome dos seus queridos pais. Os índios puseram sobre o peito do falecido um belíssimo colar dos seus chefes. No dia 17 de julho de 1976 os restos mortais do padre são entregues à terra, na terra de seus sonhos.

No dia 25 de julho três bispos e 20 padres concelebram a memória da morte e ressurreição do Senhor pelo descanso eterno do missionário assassinado e do seu amigo bororo, Simão, na Catedral de Goiânia, capital do Estado de Goiás. O vigário-geral da Arquidiocese de Goiânia, o P. José Pereira, traça um paralelo entre o povo hebreu e o oprimido povo dos índios. Ambos, diz ele, estão à procura da terra prometida.

O bispo, Dom Camilo Faresin, de Guiratinga, que acompanhou o P. Rodolfo até o sepulcro, escreveu aos pais: “Em vez de chorar a sua morte, vamos pensar na sua vida: o P. Rodolfo foi realmente um sacerdote que viveu plenamente em consonância com a sua missão: ser apóstolo da caridade e bondade: ‘Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos!’ Sempre nos lembraremos do P. Rodolfo como exemplo admirável do verdadeiro cristão, salesiano, missionário e sacerdote”.

Os índios bororo acordaram. No meio deles descansa o P. Rodolfo Lunkenbein. O seu sepulcro será uma advertência constante para fazer aquilo que ele e eles juntos consideraram como certo e justo: que todos os homens agora e sempre são irmãos perante Deus.

O cacique bororo, Lourenço Rondon Chibas Ewroro, que na confusão no pátio da missão tinha sido atingido por uma bala no peito, quando ia socorrer o P. Rodolfo, formulou isto numa carta ao “mundo civilizado”: “Temos agora uma nova esperança e estamos dispostos a mudar o rumo da nossa história. E como o mudaremos? Será que temos que pegar nas armas? Será que temos que atacar os brancos como eles fizeram conosco? Não! Os verdadeiros cristãos não agem assim. Armas são o argumento dos covardes. Nós queremos é juntar-nos e unir-nos. Talvez morramos, mas não aceitaremos mais o domínio dos outros sobre nós. Exigimos ser tratados como gente!”

A MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

(condensação de um esboço histórico do
P. César Albisetti)

A terra bororo

As minas de ouro de Coxipó e de Cuiabá atraíram os bandeirantes a uma região dominada pelos valentes bororo, que opuseram resistência aos intrusos. Cederam, porém, ao número crescente deles e sobretudo à força das armas, retirando-se para o vale do rio São Lourenço.

Após inúmeras tentativas, o Cel. Antônio José Duarte conseguiu pacificar os índios e reuni-los em colônias, que, por serem dirigidas por elementos do exército, eram chamadas colônias militares. Nasceram assim as colônias de Santa Isabel e de Teresa Cristina, junto ao rio São Lourenço.

Os resultados no entanto não corresponderam às expectativas. Pensava o governo em retirar os militares e abandonar os índios à mercê dos brancos, quando chegaram a Cuiabá os primeiros missionários salesianos.

Os pioneiros

A 30 de maio de 1894, deixaram Montevidéu, a bordo do navio Diamantino, os salesianos incumbidos de instalar a obra salesiana na capital de Mato Grosso. Chefiava-os um jovem sacerdote francês: P. Antônio Malan. Foram vinte dias de viagem, subindo os rios Paraná, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá. Em Assunção juntou-se à comitiva o bispo Dom Luís Lasagna, iniciador da missão, acompanhado do secretário, o grande missionário P. João Bálzola.

Festivamente recebidos pelas autoridades e pela população, foram empossados na paróquia de São Gonçalo e, a 5 de junho, o P. Bálzola, acompanhado de um padre e de dois irmãos coadjutores, mais três Filhas de Maria Auxiliadora, tomava posse na Colônia Teresa Cristina, cuja direção um convênio com o Governo do Estado confiava aos salesianos. A situação modificou-se não muito depois, quando um novo governo do Estado, atendendo interesses políticos e dando ouvidos a calúnias, afastou-os da direção da colônia, para desgosto dos índios bororo.

Na região dos bororo

Empreendeu o P. Malan uma viagem de reconhecimento, que o levou até Registro do Araguaia, a 600 quilômetros da Capital. Seguindo o caminho aberto pela linha telegráfica e acompanhado pelo P. Bálzola, penetrou no *habitat* dos bororo, que semeavam nessas regiões destruição e morte, sempre terrivelmente vingadas pelos civilizados.

Dois meses durou a viagem, cujo resultado foi a escolha do lugar da futura missão, que se denominou “Colônia Sagrado Coração”. Confirmou-na na escolha o convite do Inspetor da linha, em nome do Ministro das Comunicações, para que essas regiões, percorridas pela linha telegráfica, não ficassem totalmente desguarnecidas ante as investidas dos índios.

Em 17 de dezembro de 1901 realizou-se na capela do Liceu São Gonçalo a cerimônia da despedida dos missionários. Eram cinco salesianos e três Filhas de Maria Auxiliadora, mais algumas pessoas de serviço. Dezessete ao todo.

Empreenderam longa e penosa viagem, agravada pelas chuvas e pelas fugas de animais. Depois de um mês puderam finalmente armar as tendas às margens do córrego Taxos, afluente do Barreiro. A abundância de água favorecia a lavoura e a pastagem. Era, além disso, um lugar procurado pelos bororo, e a pouca distância da linha telegráfica.

Primeiro encontro com os índios

Acampados em território inimigo, os missionários passaram seis meses sem ver os índios, que estavam, entretanto, bem perto, escondidos entre as rochas da região, observando tudo e todos, divergindo, porém, quanto à decisão a tomar. Que fazer com os brancos? Eliminá-los simplesmente, ou temporizar?

Desconhecendo-lhes as intenções, os missionários construíam ranchos e intensificavam as plantações.

Finalmente, a 7 de agosto, viram dois índios. Seguindo-os, descobriram o acampamento bororo, no coração da mata. O P. Bálzola passou a noite rezando e pensando como seria o primeiro encontro. Na manhã seguinte ouviu gritos: “Os bororo vêm vindo! Os índios estão aí”. De fato, vinham vindo cinco deles, vociferando.

“Aproximei-me deles sorrindo — escreve o P. Bálzola —, abracei-os e recebi-os em minha choupana com demonstrações de alegria”.

Dois dias depois, os índios retiraram-se satisfeitos, levando alimentos e outros presentes, prometendo voltar com outros companheiros depois de duas luas.

Quando Nossa Senhora intervém

Como narrou, mais tarde, o chefe Kiége Etóre, o encontro deveria ter bem outro desfecho.

Ao chegarem ao Tóri-pó (o Taxos), os exploradores, enviados para observar os recém-chegados e conhecer-lhes as intenções, aproximaram-se das choupanas e viram os missionários sentados à mesa.

“A sorte está do nosso lado, disse o chefe. Vamos entrar, e então cada um abraça um desses ‘brancos’ como se fosse para cumprimentar e demonstrar alegria. Mas quando eu der um sinal, matamo-los todos”.

Ao ver os bororo, os missionários foram ao encontro deles, sem saber que iam ao encontro da morte. Mas... de maneira inexplicável, o sinal

da morte foi substituído pelo sinal da amizade. Batendo amigavelmente nos ombros da ex-vítima, o chefe gritou: “Kamára, kamára, kamára!”, (camarada, amigo). Os demais, tomados de surpresa, imitaram o chefe e abraçaram amigavelmente os missionários, sem compreender a súbita mudança.

Explicou-a Kiége Etóre, em 1956, ao relembrar, em longas conversas noturnas, o episódio. “Agora sei — dizia — por que não dei o sinal. Nas mãos de um daqueles ‘vestes brancas’ vi o rosário de nossa Mãe, Maria. Eu não sabia o que era aquilo. Mas agora posso confirmar: foi nossa Mãe, Maria, quem mudou meus maus sentimentos, a fim de salvar os missionários. Espero que seja ainda minha boa Mãe na hora da morte, que sinto próxima”.

Em novembro desse mesmo ano, 1956, morria o velho bororo, com quase noventa anos. Assistia-o o missionário.

Nossa Senhora já havia preparado o caminho, mostrando-se em sonho ao Capitão Maior, para dizer-lhe que procurassem em Tóri-pó “os civilizados de vestes longas até os pés: eles os conduziram até à luz”, acrescentando: “Eu sou a vossa mãe, Pá-je imiréo”.

Quando o Capitão Maior, Meriri Otoduia, transferiu-se com sua família para a missão, surpreendeu-se ao ver na capela o quadro de Nossa Senhora de Lourdes. Disse então ao irmão, que o acompanhava: “Aquela é a Senhora que eu vi em sonho”.

Duas novas colônias

A notícia de que os civilizados, acampados em Tóri-pó, eram amigos correu célere entre os bororo e ao primeiro grupo seguiram-se outros, fugindo aos ataques de outra tribo mais feroz, e às febres maláricas.

Para os bororo das bandas do Araguaia e afluentes o P. Malan abriu, em 1905, uma segunda colônia, denominada “Imaculada Conceição”, às margens do rio das Garças.

Em 1960 abriu uma terceira, na localidade chamada “Sangradouro”, a qual viria a facilitar as comunicações com a Capital.

Consolidação

Aos poucos as três colônias foram-se organizando e consolidando. Tinham gado mais que suficiente para prover de carne e leite os seus moradores; bois para os trabalhos agrícolas e meio de transporte. Iam buscar em Cuiabá ferramentas, arame farpado, sal etc. numa viagem que durava de 40 a 45 dias. Tinham ainda cavalos e criavam animais domésticos.

Ainda que tachados de preguiçosos, os bororo dirigidos pelos missionários produziam o necessário para todos. Grandes plantações de arroz, feijão, mandioca, cana — da qual se extraíam todos os anos toneladas de açúcar —, hortas, pomares e até vinhas contribuíam para a manutenção das colônias.

Mais tarde começou-se a cultivar o trigo. Os cereais, guardados em depósitos, eram fornecidos

mediante pagamento, porque o trabalho era regularmente remunerado.

As mulheres também trabalhavam nos campos: na tribo a lavoura era considerada trabalho feminino. Algumas ficavam com as irmãs para os trabalhos caseiros, como fiar e tecer. Com pouco resultado, porém, porque tais trabalhos eram considerados masculinos. As meninas dedicavam-se a trabalhos mais apropriados a elas, e estudavam. Também os meninos alternavam trabalho e estudo.

Todos recebiam com simplicidade e simpatia a instrução religiosa.

Uma banda bororo na capital da república

Têm os bororo grande pendor para a música. Não foi difícil organizar uma banda, que participou no Rio de Janeiro da Exposição comemorativa do centenário da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional.

O conjunto musical, composto de 21 índios, jovens e robustos, metidos em elegante uniforme, seguiu de Cuiabá para Buenos Aires, descendo o rio, sendo recebidos em São Paulo, com entusiasmo e carinho, no dia 11 de junho.

Na capital tiveram uma recepção triunfal. Tocaram o hino nacional na inauguração da exposição, na presença do Presidente da República, deram concerto no Catete e em festas de beneficência. A tranqüilidade e expressão dos jovens músicos arrancaram aplausos unânimes.

Hoje, filhos e netos dos pioneiros continuam a tradição. Apresentam-se, em 1959, nas princi-

país cidades do Brasil, em execuções de muito bom gosto.

O caso de Palmeiras

Em 1907 abriu-se em Palmeiras, a 100 km da Capital, a “Colônia Agrícola Gratidão Nacional”. Uma campanha movida pela “Catequese Leiga” forçou o seu fechamento em 1912.

Em 1920 funcionava aí pequena escola primária. A pequena comunidade era dirigida pelo P. José Tannhuber, sacerdote bondoso e humilde, verdadeiro pai dos pobres.

Em 29 de agosto, domingo, por pretensas questões de terras, a residência dos salesianos foi invadida e saqueada por um bando de facínoras, chefia-dos por um certo Tobias.

Reunidos à sombra de uma mangueira, os salesianos foram mantidos sob vigilância o dia inteiro. À tardinha, com o diretor à frente e seguidos por Tobias e seus capangas, tomaram o caminho da Capital.

Em dado momento surgiu forte discussão entre Tobias e um de seus companheiros. Na alteração, este ficou gravemente ferido. À vista do sangue Tobias gritou: “Comecei! Vou matar os padres!”, e apontou a espingarda contra o P. Thannhuber, que procurava ocultar-se entre as árvores. Seguiram-se um... dois... três tiros. O padre, cansado, parou, cruzou os braços e disse: “Mata... Meu Jesus!”. Um quarto tiro prostrou-o gravemente ferido. Quando os demais acorreram, exalou o último suspiro.

Obrigados a continuar o caminho, os salesianos chegaram a Coxipó pelas oito da manhã.

Qual a razão do crime? Quem foi o mandante? O processo não foi concluído. Os salesianos abandonaram definitivamente Palmeiras, que se tornou colônia correcional para os presos.

Os xavantes

Em maio de 1914, a Santa Sé criava a Prelazia do Registro do Araguaia, nomeando o P. Antônio Malan como primeiro prelado.

O prelado pôs-se logo a visitar civilizados e índios da região do Araguaia. Constatando os tristes efeitos das incursões dos xavantes, inimigos tradicionais dos bororo, regressou com o propósito de iniciar quanto antes uma missão para eles.

Numa cerimônia de despedida dos missionários, Dom Malan lembrou aos bororo que, 16 anos antes, os missionários tinham feito para eles aquilo que se preparavam para fazer agora com a tribo que lhes tornava tão perigosa a existência.

A primeira expedição instalou-se na Colônia da Imaculada, junto ao rio das Mortes, mas problemas diversos, como doenças e pouca boa vontade dos bororo, forçaram o abandono da nova missão três meses depois.

Rivalidades xavantes-bororo

Na retirada o grupo passou por uma antiga residência campestre, no morro Kaiamo-ri. Aí acamparam para plantar feijão e milho, retirando

do-se depois para a Colônia Sagrado Coração, distante uns dez quilômetros.

“Kaiamo” é a palavra com a qual os bororo denominavam uma tribo inimiga. Passou com o tempo a indicar a tribo dos xavantes. “Ri” significa pedra, morro. “Kaiamo-ri” era o morro em que se travaram as lutas. Foi em consequência desses reencontros que os bororo abandonaram a região do rio das Mortes e procuraram os missionários.

Incursões, roubos, assaltos, assassinatos tornavam sempre mais tensas as relações entre as tribos. Esforçava-se o missionário para impedir os excessos, mas os bororo não deixavam de revidar.

Iam eles regularmente ao Kaiamo-ri para limpar a lavoura. Mas quando foram fazer a colheita, deu-se a tragédia. Já ia ela no fim, quando o P. Colbacchini manifestou o desejo de voltar ao Rio das Mortes a fim de ver a residência e retirar algum instrumento que lá ficara. Dois jovens quiseram acompanhá-lo, indo à frente. Quando o missionário e mais dois irmãos salesianos os alcançaram, encontraram-nos estendidos ao chão, com a cabeça rachada. Um deles dava ainda sinais de vida.

O inesperado retorno dos missionários e a ausência dos moços despertaram suspeitas nos bororo, e não faltou quem culpasse o missionário pelo ocorrido. Elevaram-se gritos e choros na aldeia. Armados de arcos e flechas, os homens foram ao lugar da tragédia, recolheram os corpos e regressaram para os funerais. A situação tornou-se ameaçadora.

A vingança

Quando pareceu voltar a calma, retomaram-se os trabalhos. Ante a aparente indiferença dos bororo, os xavantes continuaram no local que lhes proporcionava alimentação suficiente, embora tivessem que agir com muita cautela para não serem vistos.

Um dia, desejosos de regressar às aldeias, fizeram nova incursão pelas plantações dos bororo. Colheram milho em grande quantidade e iniciaram a retirada.

Os bororo se aperceberam de tudo e puseram-se nas pegadas dos seus inimigos, aproximando-se deles o mais possível, acobertados pelo barulho das espigas de milho. Assim que os tiveram ao alcance de suas flechas, descarregaram-nas sobre eles, atirando-as em todos os sentidos. Surpreendidos, os xavantes trataram de se livrar da carga e fugir, sempre perseguidos pelos bororo até o Rio das Mortes.

Saciada a sede de vingança, os bororo reuniram-se: nenhum morto nem ferido entre eles. Ninguém jamais soube quantas as vítimas entre os xavantes.

Nova colônia

Sombrios, misteriosos, os bororo voltaram ao Kaiamo-ri. Terminaram os trabalhos agrícolas, regressaram à Colônia, pegaram seus trastes e... partiram, sem que ninguém soubesse para onde.

Descobrimo mais tarde que se haviam estabelecido às margens do rio das Garças, na con-

fluência com o córrego “Bariga-jão”, o P. Colbacchini foi visitá-los e disse que ficaria com eles. Os bororo ficaram contentes. Construíram-se então novas choupanas, surgindo dessa maneira a “Colônia de Bariga-jão”.

Aos poucos a tragédia de Kalamo-ri caiu no esquecimento. Descobriu-se terra fértil às margens do Barreiro. Os bororo gostaram do lugar. Surgem plantações e, depois, nova aldeia: Meruri, que recebeu mais tarde o nome de “Colônia do Sagrado Coração”.

Os mártires

A retirada do rio das Mortes não extinguiu a chama da possível catequese da tribo xavante. O novo prelado, Mons. Couturon, visitava frequentemente a região. O P. João Fuchs e o P. Pedro Sacilotti puseram-se à disposição do superior para entrar em contato com os índios.

Elaborados os planos de ação partiram, em 1932, de Araguaiana para o rio das Mortes, acompanhados de um salesiano coadjutor, José Pellegrino, mais dois civilizados e Luís, um jovem bororo. Chegando à margem do grande rio, passaram algum tempo explorando a região. Encontrando um lugar com sinais recentes de um acampamento xavante, aí fixaram residência, construindo um pouso, que denominaram “Santa Teresinha”. Enquanto esperavam os xavantes, prepararam o terreno para plantações, ao mesmo tempo que se iam familiarizando com os arredores. Num local que parecia mais freqüentado pelos índios, construíram uma choupana para repousarem entre uma viagem e outra. O irmão José Pellegrino, com

malária e feridas causadas pelos insetos, teve de ser reconduzido a Araguaiana, numa rede, falecendo assim que chegou.

Encontro fatídico

Em primeiro de novembro de 1934, ao descerem lentamente o rio, os missionários avistam, na margem esquerda, dois xavantes. Com grande emoção, aproximam-se da margem e sobem a barreira, ao passo que os índios se escondem na mata. Seguem-nos cheios de esperança, levando presentes. Os companheiros acompanham de longe.

O que se seguiu é narrado por um xavante, testemunha ocular da tragédia.

“Dadas as boas intenções dos padres, aproximamo-nos deles. Eles começaram a distribuir presentes, principiando pelos mais velhos. Em pouco tempo os presentes acabaram e nós, jovens, ficamos sem nada. Então, por inveja ou raiva, ficamos furiosos e, aproveitando o isolamento dos padres, pois os outros tinham ido buscar mais presentes, caímos sobre eles com os nossos cacetes”.

A cena foi rapidíssima. Ao regressarem com os presentes, os membros da comitiva encontraram os dois missionários estendidos por terra, numa poça de sangue, com o crânio rachado. Os assaltantes haviam desaparecido. Envolto em cobertas, os cadáveres foram enterrados no lugar. Ergueu-se aí uma cruz rústica, ante a qual o jovem bororo e os demais rezaram uma Ave-maria. Mais tarde os restos mortais foram sepultados no cemitério de Araguaiana, juntamente com os do irmão José Pellegrino.

Primeiros contatos

Tombaram os dois missionários, não, porém, a esperança de um encontro amigável com os índios. Escreve o P. Hipólito Chovelon, que com o irmão Francisco Fernandez, reiniciou a empresa:

“A 20 de outubro, chegamos à barreira dos Padres (o lugar do massacre), onde grata surpresa nos aguardava. Subimos a barreira. O cruzeiro estava muito bem fincado ao solo, ornado com uma flecha, quatro taquaris próprios para fazer flechas, mais dois cestinhos de palha de buriti e quatro ventarolas de palmeira trançadas. Os meus presentes haviam desaparecido. Era um sinal de amizade, pois o índio que quer a paz não trança es paus no caminho.

“A 27 de outubro, descíamos o rio tranqüilamente, quando pouco antes do meio dia, duas flechas partiram da mata à margem direita e vieram cair diante da proa do nosso barco. Olhamos para o lugar de onde haviam partido as flechas: os xavantes ali estavam, de pé, arcos e flechas na mão, meio escondidos pela mata do lado direito, olhando sossegadamente a nossa passagem. As flechas eram aviso da presença deles. Dirigimos o nosso barco para a praia, à margem esquerda.

Recolho alguns presentes e volto aos índios. À minha chegada, os índios se retiram e escondem-se na mata. Chamo-os repetidas vezes, mas não se deixam ver. Em vista disso deixo os presentes e regresso à margem oposta. Quando os índios me viram a certa distância, vieram buscar os presentes, que admiraram com curiosidade, olhando de vez em quando para o nosso lado. Após

pequeno intervalo, dirijo-me novamente à margem direita. Os índios retiram-se e desaparecem. Reco-lho as flechas, deixo novos objetos e regresso. Voltam os índios para apanhar os presentes. Por cinco vezes, nesse dia, repete-se a cena das flechas e a troca de presentes de ambas as partes.

Notamos ainda a presença de outro grupo de índios às nossas costas, à margem esquerda. Ati-ram flechas de aviso. Levamos presentes e co-bertores.

Pernoitamos à frente dos índios, ou melhor, entre os índios, pois tínhamos um grupo na frente e outro nas costas. A noite, porém, foi sossegada.

Os índios da margem esquerda talvez quises-sem mais presentes, e pelo meio dia despedem mais duas flechas de aviso. Uma delas feriu-me o braço. Deu-se então um fato notável: à margem direita, um índio, o chefe, fez longa fala, enérgica, em voz muito alta. Explicava, sem dúvida, que éramos amigos. De fato, tudo voltou à tranqüi-lidade.

Lamentavelmente, ataques de aventureiros ci-vilizados afastaram os xavantes, interrompendo tão promissores inícios. Mais tarde, xavantes de Sangradouro ostentavam em suas carnes as cicatrizes causadas pelas armas dos brancos”.

Tentativa bem sucedida

A Fundação Brasil Central foi encarregada da ocupação do interior. Estabeleceu, para tanto, bases aéreas em pontos estratégicos, as quais se trans-

formaram em centros de irradiação e apoio. Uma delas achava-se na confluência dos rios das Garças e Araguaia; outra ao norte, à margem direita do rio das Mortes. As duas ficavam no território das missões; a segunda mais propriamente em território xavante: Xavantina.

Procurando um caminho para se aproximar dos xavantes que, em grande número perambulavam pela região, o P. Colbacchini pediu para ser admitido entre o pessoal dessa base. Pela sua personalidade, conhecida e apreciada em todo o país, o pedido foi deferido. Nomeado capelão da base, tomou posse em dezembro de 1949. Com o aumento da população, obteve a admissão de outros salesianos como professores da escola pública ou encarregados do observatório meteorológico local.

Possibilitou-se assim o primeiro encontro solene com os xavantes, em fevereiro de 1951.

Um grupo bastante numeroso apareceu à margem esquerda do rio. O comandante da base, com o P. Colbacchini e outros acompanhantes, foram, em canoas, ao encontro deles, recebendo-os com muita festa.

Muito impressionou os índios a barba branca e lisa do missionário, a quem os índios trataram com atenções especiais, bem como ao mestre Francisco.

A cordialidade dos encontros de Xavantina levou a reabrir a missão de Santa Teresinha. Aos 20 de setembro de 1953, o P. Colbacchini rezava, nesse lugar, sua missa de ouro sacerdotal, na presença de civilizados e de xavantes.

Rivalidades domésticas

Esperava-se que a abertura de Santa Teresinha reunisse os xavantes. Vã esperança. A inimizade dos grupos, alimentada pela rivalidade dos chefes, continuou.

Em dezembro de 1956, chegou a Meruri um grupo de 150 xavantes, cansados, doentes, cobertos de feridas. Acolhidos com muita cordialidade, encontraram abrigo na missão.

Em janeiro, chega um segundo grupo, chefiado por Aribuanan, e em fevereiro, um terceiro com Apuéna. Salesianos e irmãs pensaram-lhes pacientemente as feridas físicas e morais.

Eram uns trezentos xavantes, acampados a poucos quilômetros de Meruri. Um quarto grupo, chefiado por Dussán, hostil aos primeiros, foi recebido na missão de Sangradouro que, pouco depois, recebia o grupo de Aribuanán, rompido com Apuéna.

Por precaução, e para atender aos desejos de maiores plantações, o grupo de Meruri transferiu-se, em março de 1958, para as proximidades do rio São Marcos, pouco distante da confluência com o rio das Mortes. Abriram-se uns cinquenta quilômetros de estrada para facilitar as comunicações com Meruri, construíram-se choupanas e preparou-se o terreno para as plantações.

Os bororo receberam os tradicionais inimigos com muita cautela e alguma desconfiança. Era viva a lembrança dos parentes mortos nos últimos encontros. A presença do missionário conseguiu curar as feridas.

Santa Teresinha

A nova missão, apesar da distância e escassez de recursos, caminhava bastante bem. Persistia ainda algum temor perante outros grupos.

Numa manhã de 1959, quando ainda dormiam em suas choupanas, cansados pela caçada realizada na véspera, os índios foram acordados pelos gritos dos atacantes. A presença de espírito dos missionários evitou verdadeira carnificina. Enquanto o diretor resistia aos invasores, os outros salesianos cobriam a retirada dos índios para as choupanas da missão. No final da refrega havia um morto e alguns feridos.

Essa missão foi abandonada definitivamente em março de 1962. Os xavantes acompanharam o missionário a Sangradouro. Nessa data foi abandonada também a residência de Xavantina.

A semente germina

A tribo xavante cresceu demograficamente graças à assistência da missão às crianças. Se a natalidade era alta, a mortalidade infantil era muito elevada, calculando-se em oitenta por cento. À sombra da missão, caiu para cinco por cento, conforme estatísticas. Evitando o álcool e o fumo, a tribo pôde encarar com grandes esperanças o futuro. Em poucos anos a Missão de São Marcos equiparou-se às de Sangradouro e Meruri. Esta ficou reservada aos bororo, que registravam também bom aumento demográfico.

Nas festas de Cuiabá

Um grupo de noventa jovens xavantes, pintados e armados de arcos e flechas, participou dos

festejos comemorativos dos 250.º ano da fundação de Cuiabá e do 75.º ano da chegada dos salesianos ao Mato Grosso.

Desfilaram pelas ruas da Capital com os alunos do Colégio Salesiano, atraindo a admiração da população, que via com os próprios olhos os frutos da obra evangelizadora da missão salesiana no Estado.

A Assembléia Legislativa de Mato Grosso prestou, em sessão solene, significativa homenagem à missão pelos 75 anos de profícuo trabalho em favor da religião e da pátria.

O centenário das missões salesianas

As missões de Mato Grosso comemoraram com entusiasmo o centenário das missões salesianas, das quais elas escreveram páginas gloriosas.

Nas diversas comemorações, grupos de boro e xavantes, em seus trajes típicos, executaram cantos e danças de suas tribos. Desataram a fita inaugural das novas instalações do Museu Regional Dom Bosco representantes das duas tribos, outrora rivais, agora irmanadas graças à ação missionária.

E as missões continuam

A atividade missionária prossegue indefessamente. Todos os anos apresentam-se generosos voluntários dispostos a continuar a obra admirável dos pioneiros, dispostos, todos eles, a derramar o próprio sangue pela nobre causa.

Como aconteceu, naquele fatídico 15 de julho de 1976, com o P. Rodolfo Lunkenbein.

LIVRARIAS SALESIANAS

- | | | | |
|-------|---|-------|---|
| 01001 | São Paulo, SP (Centro) Praça da Sé, 17 C.P. 30.439 Tel. (011) 32-0916 | 69800 | Humaitá, AM Praça da Matriz, s/n. Tel. (092) 273-1356 |
| 03104 | São Paulo, SP (Mooca) Rua da Mooca, 766 C.P. 30.439 Tel. (011) 279-1211 (PABX) TELEX (011) 32431 ESPS BR | 50000 | Recife, PE Rua Dom Bosco, 551 C.P. 1727 Tel. (081) 222-5058 |
| 01215 | São Paulo, SP (Campos Elíseos) Largo Coração de Jesus, 140 Tel. (011) 220-0730 | 54000 | Jaboatão, PE Rua Câmara Lima, 62 - loja D Tel. (081) 541-0201 |
| 13100 | Campinas, SP Rua Baronesa G. de Resende, 330 C.P. 210 Tel. (0192) 41-6599 | 24220 | Niterói, RJ Rua Santa Rosa, 216 Tel. (021) 711-0970 |
| 69000 | Manaus, AM Rua da Instalação, 127 Tel. (092) 234-6139 | 79100 | Campo Grande, MS Rua 14 de Julho, 2818 Tel. (067) 624-9929 |
| | | 90000 | Porto Alegre, RS Centro Gaúcho de Audiovisuais Rua Dona Laura, 1020 Tel. (0512) 31-7883 |

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 — P. A. B. X.
Telex: (011) 32431 ESPS BR
SÃO PAULO